



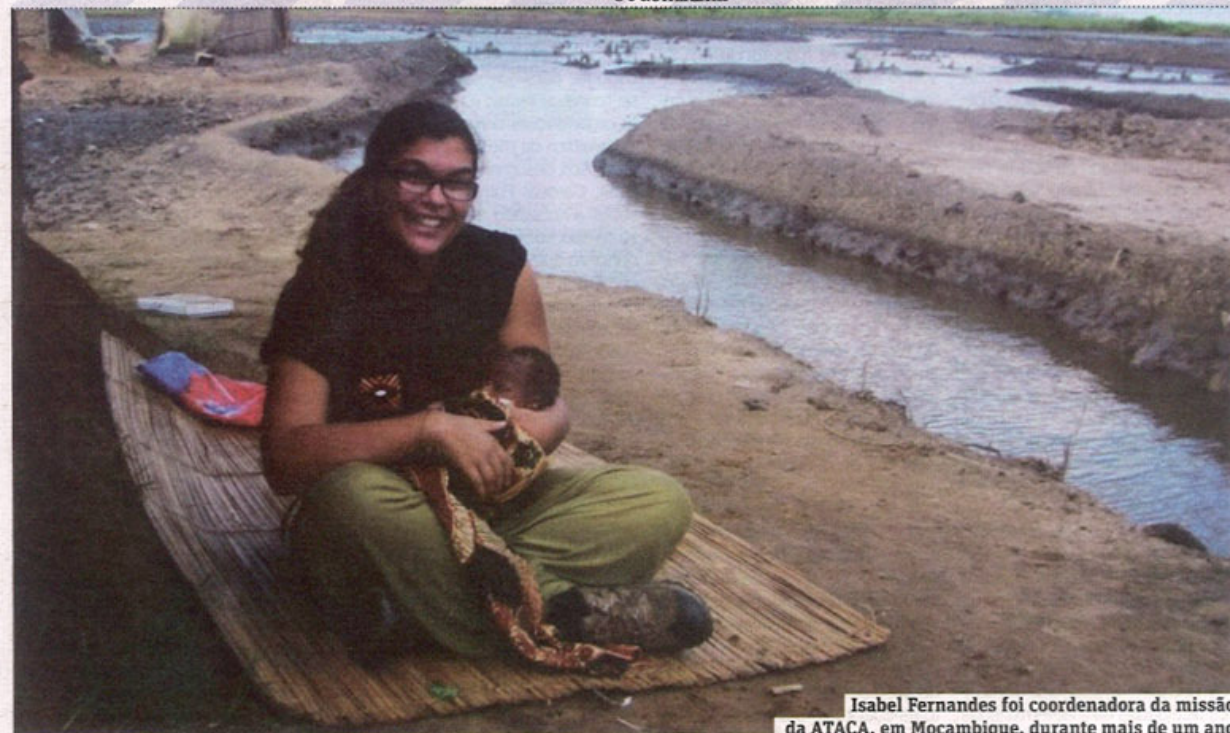
TEMPO FIM DE SEMANA



O sol vai voltar, este fim-de-semana, ainda que envergonhado. Possibilidade de aguaceros hoje e domingo. 17 de máxima e 6 de mínima

PRÓXIMA SEMANA

2.ªf	21.º	3.ªf	24.º	4.ªf	20.º	5.ªf	18.º	6.ªf	17.º
15.º	17.º	16.º	14.º	11.º					



Isabel Fernandes foi coordenadora da missão da ATACA, em Moçambique, durante mais de um ano

Um prémio para uma "missão de vida"

Isabel Fernandes, de 24 anos, recebe hoje no Palácio Medici, em Florença, o prémio europeu de melhor voluntária do ano, pelo trabalho desenvolvido durante a missão em Moçambique da ATACA, uma Organização Não Governamental de Desenvolvimento com sede no Porto.

João Queiroz
joao.queiroz@grandeporonline.com

A pesar dos 24 anos, Isabel Fernandes já não se recorda de quando participou, pela primeira vez, num projecto de voluntariado, tantos foram aqueles em que já esteve envolvida. Como nasceu essa vontade de ajudar o próximo também não é fácil explicar: "É um bichinho que está cá dentro, o desejo de fazer com que este mundo seja um pouquinho melhor, mais colorido, porque se todos dêssemos um bocadinho de nós, o mundo viveria bem melhor". Isabel colabora com várias Organizações Não Governamentais (ONG) a nível nacional, mas a primeira grande missão aconteceu em 2009, quando esteve a fazer voluntariado em Moçambique. Ao fim de dois meses regressou e com ela trouxe a esperança de voltar, porque o cora-

ção por lá ficou. Para isso, Isabel foi batendo a portas várias, até que no ano passado descobriu a ATACA, uma associação de solidariedade social sem fins lucrativos, nascida no Porto, que lhe abriu a porta para aquela que hoje diz ser a sua casa. "Gostei imenso do projecto que a ATACA desenvolve em Moçambique e foi a oportunidade que encontrei para continuar a seguir o meu caminho", diz. O PTd - Projecto Tutor à Distância é o principal pilar da associação, que visa mobilizar as pessoas para se tornarem tutores de uma criança ou jovem africano desfavorecido, pelo período mínimo de um ano, comprometendo-se a financiar mensalmente as suas despesas de sobrevivência, nomeadamente a alimentação, vestuário, saúde e educação. Os voluntários, sejam os que estão no terreno, sejam os que trabalham na sede da associação, são o motor do projecto. "Fazemos a ponte entre os dois países. Identificamos crianças em situação de pobreza extrema e a partir daí construímos um plano de vida com os responsáveis

"Este prémio é sinal de que, realmente, este é o meu caminho. O meu objectivo é regressar [a Moçambique] e continuar a minha caminhada", garante a jovem de Famalicão

de criança, fazemos toda a gestão dos donativos e de toda a informação que é entregue aos padrinhos [os tutores], como os vídeos, as cartas, os desenhos, as notas escolares das crianças", explica.

Os desafios da caminhada

Num país do Terceiro Mundo, serão várias as dificuldades que um voluntário pode experimentar, mas Isabel prefere falar em desafios. "Tudo depende da forma como as pessoas encaram este tipo de missões. Eu vejo isto como a minha missão de vida, que tem os seus desafios. A nível de saúde, por exemplo, contraí malária, mas são ossos do ofício... Medo? É um sentimento que também nunca lá conheceu, até porque o povo é "muito acolhedor, que recebe todos de braços abertos".

A jovem licenciada em Psicologia foi a coordenadora da missão da ATACA entre Junho de 2011 e Agosto deste ano e o trabalho desenvolvido valeu-lhe o prémio de "Melhor Voluntário" atribuído anualmente pela ACE - Active Citizens of Europe Awards. "Não estava nada à espera, até porque nem sabia que ele existia, mas é mais um sinal de que, realmente, este é o meu caminho", diz. A próxima missão ainda não tem data marcada, porque o mundo em que vivemos hoje não permite viver só do voluntariado. Isabel está à procura de emprego por cá, mas a cabeça está lá, em Moçambique. "O meu objectivo é regressar e continuar a minha caminhada".

PURO E DURO



Manuel Queiroz

O PSD e o CDS têm futuro?

Um governo de coligação é sempre uma dificuldade, sobretudo em tempos de emergência extrema, como são aqueles em que vivemos. Vejam os ingleses, vejam até os alemães, ou os holandeses - ou os que andaram meses e meses só para construir um governo, como os belgas, à procura de um fio que ligasse vários partidos.

Conhecendo-se a história política, as hesitações do CDS em votar a favor do Orçamento de Estado são mais compreensíveis, embora não sejam menos graves. E as culpas, numa coligação, são normalmente divididas pelo número de partidos que a compõem e a responsabilidade começa no primeiro-ministro, como é evidente.

A verdade é que antes de sentir falta de um ministro dos Negócios Estrangeiros, tenho sentido falta de um primeiro-ministro. O Governo está disfuncional não é só por causa de Paulo Portas. Aliás, o líder do CDS/PP só ganhou esta preponderância exactamente porque a política tem horror ao vazio. E a chefia do Governo tem estado bastante entre parêntesis.

Vamos ver se este Governo tem futuro. Facto é que nem o PSD nem o CDS estavam preparados para governar, porque de outro modo não se ouvia dizer que já não há mais nada para cortar na máquina do Estado. Ai não? Mas o PSD e o CDS não fizeram disso o mote da sua campanha eleitoral? Não fizeram da redução da máquina do Estado a pedra de toque sobre a qual iria nascer um novo país, com uma nova economia?

Com afirmações como esta não temo só pela queda do Governo, temo que nem o PSD nem o CDS lhe sobreviverão. Os tempos são difíceis, mas convém manter um módico de lucidez e arranjar rapidamente uma nova narrativa.